

● 1

DE DIA, TUDO LÁ É TÃO CLARO que Emanuel fica com a vista embaçada e anda como se fosse cego. Todo mundo acha graça nisso.

— É por causa do sol — diz ele, sorrindo.

E muita coisa acontece depois.

É que a luz do sol batendo no chão branco pode cegar qualquer um, mas só Emanuel anda daquele jeito, olhando para baixo, ainda mais ao meio-dia. Tem gente que diz que ele faz aquilo só para arrancar risadas dos outros.

E como faz calor! A vida por lá é muito difícil; ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas). Por isso é bom rir de vez em quando. É o que pensa Emanuel.

Mas ele jura que não é por querer que anda feito cego. Diz que fecha os olhos e o sol realmente continua dentro deles, na forma de um disco luminoso flutuando na escuridão. Um sol dentro

dos olhos, do tamanho e da cor de uma tangerina cheia de suco.

O chão é branco igual a leite de cabra, só que ralo. Leite de uma cabra magra e cansada. Os adultos dizem que lá a cor é assim porque estão em um deserto onde ninguém estaria se não houvesse pessoas como eles.

— E como o sol pode ficar no céu e dentro dos olhos da gente ao mesmo tempo? — pergunta Amal, apertando a borda do vestido sujo com as duas mãos.

Emanuel não sabe o que responder a ela. Ele ainda é criança e não tem resposta para muitas coisas. Porém de uma coisa ele sabe: é sempre mais fácil fazer perguntas difíceis que responder a elas. Assim que descobriu isso, passou a responder às perguntas difíceis com uma pergunta difícil também.

— E como sabemos que o sol está no céu se não conseguimos olhar direto para ele?

— Você é bobo.

— Você acha?

— Não sabe responder nada direito?

— Direito de que jeito?

— Sem fazer outra pergunta, feito as pessoas normais.

Emanuel sorri e se cala. Ele conhece Amal e gosta desse jeito dela.

Então se agacha e começa a desenhar na areia, com o dedo indicador, o que parece ser um peixe.

— Bom, vou indo, então. Até mais — diz Amal.

— Até — responde Emanuel.

Mas ela fica. Amal sempre fica.

Os dois vivem em um campo de refugiados. É um lugar difícil para eles, para as outras crianças e também para os adultos, mas ninguém ali teve escolha.

Emanuel olha para o céu em direção às nuvens (não ao sol, mas às nuvens) e pensa que ninguém nunca tem escolha. Que as pessoas são iguais àquelas nuvenzinhas no céu, empurradas pelo vento sabe-se lá para onde ou até quando. Depois pensa que o céu é tão grande que parece tocar as duas pontas do campo e tão azul que dá a impressão de ser um mar de ponta-cabeça, suspenso sobre todos nós.

— E o mar é assim mesmo? — pergunta Nibir, colocando a mão na testa para fazer sombra nos olhos e poder olhar na mesma direção de Emanuel, que acabara de se erguer do chão, terminado o desenho.

Só então Emanuel se dá conta de que pensou alto.

— O quê? — pergunta ele.

— Isso de o céu ser um mar de ponta-cabeça.

— Você nunca viu o mar?

— Está vendo? Ele é bobo. Nunca responde nada direito pra gente — resmunga Amal.

— Acho que ele nunca viu o mar, assim como eu — responde Nabir.

— O que eu sei é que o mar se parece com o céu — afirma Emanuel.

— Com o céu, com o céu... Você é tonto, Emanuel. E onde estão as ondas? — pergunta Amal, apontando para cima com o dedo, mas sem olhar para o alto.

— As ondas são as nuvens — diz Emanuel.

— E os peixes? — quer saber Nabir.

— São os pássaros.

— E o que você desenhou ali no chão é um peixe ou um pássaro? — dispara Amal.

— O que você acha que é?

— Tonto! Agora vou embora mesmo, tchau.

Mas Amal não sai do lugar.

Então Nabir continua:

— Meu pai disse que estamos aqui porque vamos atravessar o mar, nem que seja a nado.

— Nadar até onde? — pergunta Amal, subitamente preocupada, olhando para Emanuel como quem diz que ainda está ali, mas não por causa dele.

— Até outro país. Teremos uma vida melhor por lá. Todos nós. É o que fala meu pai. Uma vida melhor do outro lado do mar.

— Dizem que lá tem uma praia — comenta Emanuel.

— Isso mesmo, a praia do outro país — concorda Nabir.

— Mas é a praia que é a borda do mar ou o mar que é a borda da praia? — indaga Amal.

— Não sei — responde Nabir.

— Bom, e se a gente se afogar? — continua a perguntar ela.

Emanuel olha para Amal com ternura, mas permanece calado, agora fazendo buracos no chão com o dedão do pé.

— Ah, meu pai fala que é melhor morrer no mar que na Síria — observa Nabir.

— O que ele quer dizer com isso? — resmunga Amal.

— Que prefere morrer afogado a morrer nas mãos das brigadas rebeldes. Ele diz que tem muitos extremistas escondidos nas brigadas que

são mais violentos que o próprio ditador — responde Nabir.

— Extremistas? — pergunta Amal.

— Sim, que enforcam ou chicoteiam você em praça pública se não pensar como eles pensam — explica Nabir.

— Viu, Emanuel? Deveria aprender a responder às perguntas como Nabir — diz Amal, esfregando os olhos com as mãos fechadas.

Mas Emanuel não diz nada, apenas ergue os olhos na direção dela, que percebe, pela primeira vez, quanto os olhos dele são azuis e mansos, de um azul bem escuro como o céu ou o mar e tão mansos quanto os pelos de um tigre que virou tapete. Amal também não diz nada, mas se sente abraçada por aquele olhar, tanto que precisa se segurar para que seu coração não caia sobre os próprios pés.

Os olhos de Emanuel estão assim porque ele está se lembrando de uma coisa. Dizem que quando nos lembramos de algo roda um filme em nossos olhos. Por isso eles brilham quando isso acontece; sua cor natural é realçada.

Na cabeça de Emanuel passam muitas coisas, algumas delas bem ruins. É que ele, Amal e Nabir são sírios, como muitos refugiados do campo.

Eles fugiram da Síria depois de o ditador do país atacar as pessoas que se manifestavam contra seu governo.

As tropas do exército atiraram em quem pedia liberdade e melhores condições de vida. Isso aumentou a revolta popular contra ele. Sua família está no poder há mais de quarenta anos, mas agora o povo se cansou e decidiu que o melhor é pô-lo para fora. Na tevê os repórteres chamam essas manifestações de “Primavera Árabe”. Emanuel achou esse nome bonito.

Só que, quanto mais revolta, mais força bruta. O bairro de Nabir, por exemplo, foi violentamente bombardeado e todos que sobreviveram escaparam de lá. Amal também teve de fugir com a família depois que as tropas do governo invadiram sua cidade atrás das brigadas rebeldes. Assim como Emanuel, que precisou abandonar sua casa. É disso que ele está se lembrando. Vem-lhe à memória a noite em que atravessou o deserto em um caminhão cheio de refugiados. Não consegue se esquecer do choro dos bebês, do rosto cansado dos homens, das mulheres amedrontadas apertando seus filhinhos contra o peito.

Nessa viagem descobriu quão grande é o deserto e quão comprido pode ser o vento, que

ali levava horas para tocar em alguma coisa. E, quando finalmente chegaram, todos do caminho ainda tiveram de esperar vinte dias na fila para poder entrar no campo de refugiados que fica na Jordânia.

Lá, por causa do calor sufocante e do racionamento de água, as pessoas têm muita sede. Para despistá-la, algumas delas até colocam seixos de baixo da língua. Isso porque os mais velhos contam que o deserto já foi um rio e os seixos provam isso, já que são pedrinhas trazidas pela água — foi a corrente do rio que arredondou suas arestas. Todos suam muito também, por isso as moscas-varejeiras querem pousar o tempo todo no canto de seus olhos. Elas querem beber o suor, que confundem com água.

Emanuel também está se perguntando por que Amal insiste em implicar com ele, embora desconfie que seja pelo fato de suas famílias fazerem orações diferentes. Talvez seja até por causa de seu nome, Emanuel. Mas ele gosta dela. Os cabelos de Amal são tão vermelhos que lembram a cor da argila úmida. Além disso, ela tem pintinhas no rosto, como se o vento tivesse salpicado pólen em suas bochechas.

Já Nabir tem cabelos negros e ondulados, des-

ses que serviriam para dar laços em caixinha de música com a tampa quebrada. No entanto, seus olhos são tristes e raivosos, talvez por terem visto tantas mortes em bombardeios. Sua boca é rachada na parte de cima, o que os adultos chamam de “lábio leporino”. Mas não é por vergonha disso que ele quase não sorri — até porque ele não faz questão de esconder o “defeito” quando fica sério. Nas poucas vezes em que abre um sorriso, costuma passar as costas da mão na boca com expressão de nojo, como se limpasse dali uma teia viscosa, como se não tivesse mais o direito de ser feliz.

— Bom, já vou. Ainda tenho que ir até o poço buscar água para minha família — diz ele.

— Quer que eu vá junto? — pergunta Emanuel, com vontade sincera de ajudar.

— Como sabe, são dois quilômetros para ir e mais dois para voltar... — observa Nabir.

— Você também precisa pegar água, Emanuel? — indaga Amal, voltando a esfregar o rosto com as mãos fechadas.

— Não — responde ele.

Nabir não fala nada, apenas se despede e se afasta, seguido por Emanuel, as sandálias gastas dos dois fazendo barulho entre os pedregulhos.

Amal fica. Ela sempre fica.

Não consegue se afastar de Emanuel, mas ainda é incapaz de segui-lo. Então fica ali, como se fosse uma árvore que o campo de refugiados de repente ganhou, porque não há árvores por lá.